

Credores querem discutir atraso no pagamento da dívida

WASHINGTON (do correspondente) — O Comitê Assessor de Bancos Credores do Brasil pediu ontem ao Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, a realização de um encontro aqui em Washington, nos próximos dias, para discutir o atraso no pagamento de US\$ 1,6 bilhão, que deveria ter sido feito há uma semana. O pedido foi aceito, e ontem à noite se discutia local, dia e hora para a reunião em que os banqueiros vão pedir mais uma vez que o Governo faça pelo menos um pagamento simbólico a curto prazo. Na última quinta-feira, em Nova York, o presidente do Comitê, William Rhodes, do Citicorp, já tinha pedido ao Ministro que pagasse uma parte da parcela vencida.

— Eles nos pediram que fizéssemos uma “forcinha” para pagar al-

guma coisa, e estamos tratando de encontrar meios para isso — disse Mailson da Nóbrega. — Mas não há nada definido. Alguns banqueiros dizem que gostariam de receber um pagamento substancial, outros falam num pequeno pagamento. Enfim, vamos conversar para ver o que fazer.

O Ministro contou que os banqueiros estão ansiosos para que o Governo lhes peça, formalmente, a liberação da última parcela (de US\$ 600 milhões) referente ao acordo fechado há exatamente um ano atrás. Segundo esse acordo, o Brasil teria de enviar um documento aos bancos solicitando o dinheiro, para que ele fosse creditado ao País.

A parcela já fora concedida, mas pelo contrato é necessário requisitá-la, formalmente, mais uma vez. E, ao contrário do que havia dito dias

atrás, em Cancún, o Presidente do Banco Central, Wadico Buchi, o Brasil ainda não fez esse pedido. E cresce a preocupação dos banqueiros porque vence na sexta-feira o limite legal para que isso seja feito.

Acontece que existe um complicador nesse caso: pela nova Constituição, esse documento tem que ser aprovado pelo Senado, antes de ser remetido aos banqueiros. E o Governo demorou em enviá-lo aos senadores, porque — como disse o Ministro — o Governo tinha perdido as esperanças de receber esse dinheiro. Mas mudou de idéia por insistência dos próprios banqueiros.

— Nós, na verdade, já não contávamos mais com a liberação dos US\$ 600 milhões, pois afinal não cumprimos o programa feito com o Fundo Monetário Internacional. E a conces-

são desse dinheiro dependia do cumprimento desse programa. Mas os banqueiros vieram a nós e disseram: “Por que vocês não pedem os US\$ 600 milhões? Façam isso e nós liberamos o dinheiro, e com ele vocês pagam o que nos devem” — contou o Ministro.

Se o Senado não aprovar o pedido até sexta-feira, o Ministro depositará as suas esperanças no Fundo Monetário Internacional.

— Já estamos discutindo com o Fundo a possibilidade de negociarmos um programa baseado no orçamento de 1990, que será um dos mais austeros na história brasileira. Acho que há uma base de entendimento com o FMI a esse respeito. Suponho que um acordo nos libere o suficiente para pagar os bancos, sem utilizarmos as nossas reservas — disse.